

Passagens

Anna Bella Geiger

Thomas Lewinsohn é um cientista e um artista da fotografia. Em sua obra fotográfica atual, ele por vezes se aproxima da Geologia como alguém que encontra na natureza da crosta terrestre o seu *leitmotiv*, revelando aspectos da Terra, de suas camadas. Porém, de forma diversa, capta por meio de uma composição fotográfica, isto é, de uma solução de ordem estética abstrata, o que vai determinar o foco de enquadramento daquele pedaço, até chegar ao resultado desejado. Para isso, também faz surgir a ambiguidade do acaso em que forma, textura, materialidade visual e mesmo tátil criam essas composições de natureza geológica. Diríamos, quase abstratas e de rara beleza.

Como diz Susan Sontag, “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada” e “imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir”¹. É disso que trata a atitude filosófica na fotografia de Thomas. Mais do que isso, ele parece se colocar diante da natureza com total disponibilidade e humildade. Quase numa intimidade no sentido de que as imagens captadas são concebidas com grande amor nos menores detalhes. São todas de uma beleza fina e naturalista.

Existe um outro elemento de influência fundamental, no sentido desta série ser considerada pelo autor como uma forma de fotogravura. As imagens, originalmente impressas com tinta pigmentada mineral sobre papel *fine art*, agora são reproduzidas pela impressão *offset*, que utiliza chapas metálicas para a transferência das imagens. Thomas conviveu desde jovem com a questão do múltiplo na gravura, acompanhando o processo de gravura em metal e madeira com sua tia Fayga Ostrower, e também comigo.

A escala e a relação estabelecida com o vazio da composição e o seu pedaço comprovam as marcas de sua existência em algum lugar do nosso planeta. Lugares de passagem, flagrantes e testemunhos de processos.

¹ SONTAG, Susan, *Sobre fotografia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004, pp. 14-15.

O quase silêncio das imagens

Fernando de Tacca

A primeira vez que vi as imagens de Thomas Lewinsohn fui tomado por elas. Não havia a imediatez de uma materialidade visível da natureza; não havia a imediatez do “isto foi” fotográfico. Havia um mergulho para algo do inconsciente incontrolável; as imagens me habitaram em sensações súbitas de sentimentos, afetos, medos, estranheza, surpresas e incompreensão. Não necessitava compreender as imagens fotográficas; não necessitava me acomodar na materialidade da natureza fotografada identificável. Havia somente navegar em mar aberto, sem bússola. Deixar se levar por essas imagens para um lugar não racional, e não por uma cartografia determinista, foi permitir que as imagens alimentassem minha alma.

Mesmo quando a pequena narrativa transparece em trípticos, o terceiro elemento visual ou o salto da rã – assim como Júlio Plaza definiu quando realizou uma tradução intersemiótica de um haikai para uma sequência fotográfica com uma rã –, é o espaço para a surpresa e a imaginação, determinado pelo corte (*kiru*) ou pela separação. Os trípticos de Thomas Lewinsohn se inspiram na força poética dos três elementos do haikai, e assim a narrativa nos surpreende no terceiro elemento, fino e delicado.

Dípticos ao vento, ondas de um mínimo surf, inscrições paleográficas em movimento, marcas volúveis, escritas em Kanji, o falso preto e branco, a espuma curvilínea, o mapa em retalhos, a justaposição da materialidade em confronto/diálogo, a porosidade melosa, a meleca angustiante, a exposição latente da memória, o escuro energético; abre-se para muito além de uma predeterminação, talvez, simplesmente para o Zen, ou a natureza das coisas e da mente.

Thomas Lewinsohn nos propõe meditar; e somente quem se dispõe a deixar-se habitar pelas imagens poderá alcançar um desprendimento do seu estado de ser; quebrar suas couraças. Na placa do monumento ao filósofo desconhecido da câmera escura, estava escrito que a fotografia no encontro com a produção artística contemporânea se encontra na fronteira entre o sutil e o banal. E é nessa borda indefinida e ampla que podemos nos deixar levar aos mares e oceanos de Thomas Lewinsohn, rumo a uma elevação poética e espiritual.

Os detalhes do mundo

Eder Ribeiro

*O que me interessa realmente é a vibração da paisagem,
esse momento em que não sabemos o que foi, o que vai ser,
o momento de enigma da paisagem.*

Jean-Louis Garnell²

O fotolivro *Água-Forte* reúne fotografias de Thomas Lewinsohn produzidas ao longo de vários anos, de norte a sul do litoral brasileiro. Distante de uma abordagem cartográfica, é o olhar atento sobre os pequenos detalhes desta paisagem e a passagem do tempo que estruturam sua pesquisa visual. É no campo do sensível que as imagens repousam, e não do descritível.

Produzidas no amplo território litorâneo, o gênero da paisagem é periférico neste conjunto de imagens. As vistas topográficas dão espaço a um *corpus* mais amplo de fotografias, em que composições formais rigorosas surgem como enigmas a desafiar nossa compreensão. A obra de Thomas se estrutura na exploração de dois eixos complementares: de um lado ela faz parte da tradição da fotografia de paisagem, em que um ponto de vista frontal organiza a imagem; de outro, ela se insere na linhagem da fotografia que ressignifica o banal, o que escapa da nossa percepção apressada do mundo que nos rodeia, na qual a matéria estrutura formas.

Fotografar é selecionar e construir um ponto de vista. O olhar de Thomas, após perscrutar pacientemente esse território, promove a construção de novas paisagens visuais, nas quais a abstração e a figuração estão em permanente fricção. Estas imagens provocam, a um só tempo, nossa percepção e imaginação visual e carregam, em sua superfície, um acúmulo de instabilidade, indeterminação e as marcas de uma (in)certa temporalidade. Elas nos abrem para uma dimensão poética inesperada: inscrições ferrosas na rocha sugerem figuras; ondas deixam suas marcas, cíclicas; continentes emergem na areia. Vamos assim de um enigma a outro.

O meio fotográfico, ao operar na escala dos detalhes, pode revelar "mundos de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas para encontrarem um refúgio nos sonhos diurnos"³. Podemos pensar as imagens de Thomas Lewinsohn como reveladoras dessas paisagens do inconsciente e das coisas, do concreto e do fugidio, da aparição e do esvanecimento. E não é justamente nesse lugar que se situam os sonhos?

Água-Forte

Thomas Lewinsohn

Na fotografia tradicional em que fui formado, as imagens só se revelam quando os filmes são processados, para depois serem impressas ou projetadas. Esse processo colapsou com a fotografia digital, em que as imagens se expõem no próprio instante da captura.

² GARNELL, Jean-Louis, "Paysage, relations d'incertitude", em *La Confusion des Genres en photographie*, Paris, Bibliothèque Nationale de France, 2001, p. 122.

³ BENJAMIN, Walter, "Pequena história da fotografia", em *Magia e técnica, obras escolhidas*, vol.1, São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 94. Nesta passagem, Benjamin faz referência à obra de Karl Blossfeldt.

Mas há uma outra revelação, que precede e permeia o ato de fotografar. Será que as fotografias apenas desvelam o que já está no mundo? Ou seriam construtos da mente e do olhar de seus autores?

O mundo é concreto na escala humana de tamanho e de tempo. Além dela, tudo se torna estranho. De longe e de cima, a paisagem deixa de ser paisagem; vista em detalhe, também. De muito perto, abstrações se materializam, evidentes ao meu olhar de biólogo. A grande e a pequena escala se aproximam como fractais, num jogo semelhante ao de construir teorias de interações ecológicas entre espécies.

Muitas das fotografias deste livro bordejam o abstrato, brincam com seus limites. A abstração está ao alcance da vista, mas pede tempo para se revelar. *Slow photography*. Para isso, a praia é perfeita: lugar de flamar sem itinerário, sem plano, sem horário. Fui aperfeiçoando a arte de flamar ao longo dos anos, repetindo percursos, por vezes antes do sol nascer ou após se pôr, na maré vazante ou cheia, logo antes ou depois de uma tempestade. Habituei-me a fazer primeiros reconhecimentos sem a câmera, no puro exercício do olhar.

Assim, pouco a pouco, meu olhar defronta – ou reconhece, ou constrói – padrões de design por toda parte: falésias (Anna Bella Geiger); poças de maré na rocha (Henry Moore); grafismos na vazante (Fayga Ostrower); *assemblages* na areia (Joan Miró); gravuras *ukiyo-e* de ondas (Hokusai).

Ukiyo-e, imagens do mundo flutuante, oferece-me o subtítulo ao estender seu sentido: mundo transiente, em fluxo. No litoral, as formas são efêmeras, feitas e desfeitas incessantemente pela força da água, do vento ou das tempestades. Ali, o passar do tempo, todo fluido, impõe um desafio maior. Como apreender essa fluidez em imagens inevitavelmente estáticas? Tento fazê-lo em dípticos e haicais visuais – três imagens, à maneira de três versos.

O título – *Água-Forte* – é, claro, o próprio mar. Mas é também a gravura em metal feita com ácido, técnica empregada por Fayga e Anna Bella em suas primeiras fases.

Retorno, então, à primeira pergunta: a abstração fotografada é um puro construto do meu imaginário? Penso que não. As imagens emergem do encontro entre o olhar e o mundo. O olho revela, reconfigura o mundo.